

OS URSOS SÃO LIVRES. ALGUNS HOMENS SÃO LIVRES

Luiz Eduardo Achutti



Na noite do dia 4 de outubro, inaugurou em Paris, no "Musée del'Homme", a exposição "Jean Rouch récits photographiques", 90 fotografias selecionadas dentre as milhares doadas pelo autor. Rouch é hoje o autor com maior número de fotografias na coleção do museu, ele transferiu em 1998 suas 20.000 fotografias, divididas entre negativos p&b 35mm, 6x6 e Kodachromes.

O primeiro andar do museu estava completamente lotado de gente, ele presente, bem faceiro, contando histórias com aquele jeito de guri de 83 anos de idade. Provavelmente terá sido, mais do que uma exposição de fotografias, um evento que virá marcar a história ainda recente da antropologia visual.

No ano passado conversamos por meia hora em Manosque, sul da França, quando aproveitei para falar do meu trabalho em que proponho a fotografia como uma outra forma de narrar. Ele respondeu-me dizendo que andava revendo suas folhas de contato e que de fato havia percebido que elas contavam uma história.

A fotografia certamente não foi sua prioridade, muito menos com propósitos narrativos, já que a tarefa de Rouch foi a de reinventar a antropologia e o cinema. Mas temos agora 20.000 "indícios" de que a fotografia sempre o acompanhou, ele fez através dela registros pessoais, meio de troca com seus entrevistados e a pré-produção dos seus filmes. Ótimos retratos em p&b, cenas do cotidiano na África e algumas paisagens coloridas.

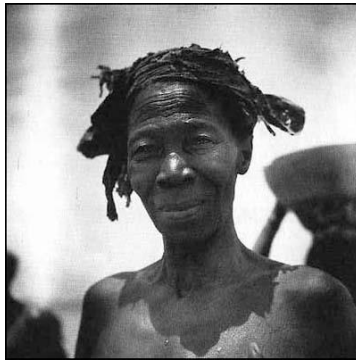
Este homem, que sempre teve a força de um urso para impor o cinema ao campo da antropologia, está provavelmente dando uma importante contribuição para constituir a fotoetnografia. Todos devem ver as suas fotografias. Seria descabido analisá-las, são fotografias de um homem livre, como os seus filmes.

Achutti, Paris 7 de outubro de 2000.

Apresentação do catálogo da exposição

Texto de Raymond Depardon

Tradução de Achutti



Que grande novidade, Jean Rouch fotógrafo!

O engenheiro, o etnógrafo, o cineasta, o filmmaker... Enfim fotógrafo...!

É uma surpresa, a gente vai poder se deter sobre o seu olhar, descobrir maravilhas...

Rever seus amigos, agora nossos amigos...

Fim do plano-seqüência, vai nos restar a generosidade, a curiosidade, a inteligência em estado puro num quadro fixo, um instantâneo apenas.

Como Jean Rouch sempre tem histórias surpreendentes para nos contar, eu imagino que ele tem fotografias ainda mais insólitas.

Mas como não há domingo na África, não se poderá dizer que Jean Rouch é fotógrafo de fim de semana.

O que adoro nos filmes de Jean Rouch é que ele sempre nos surpreende, ele é o inventor de um olhar sobre os outros. Mais do que isso, ele nos dá apetite, seu entusiasmo é contagiante, a gente fica com vontade de filmar o mundo, de se aproximar das pessoas, encontrar a distância ideal para escutá-las. Jamais

um cineasta estimulou-me tanto quanto Jean Rouch. Ao falar com ele eu tenho várias idéias de filmes, ele tem uma força incrível de nos passar sua energia.

Que felicidade ! Vai ser a mesma coisa com suas fotografias...

As fotografias de Jean Rouch são indícios tão perto de nós, de toda essa aventura incrível já tão distante. Eu sou um desinformado sobre comunidades africanas, mas este contador de histórias (griot) "gaulois" nos fez descobrir coisas tão lindas.

Doravante na fotografia, entre Pierre Verger e Cartier-Bresson, existe Jean Rouch.